

## AUGUSTO MEYER, A CHAMINÉ E O SENHOR FEUDAL AUGUSTO MEYER, THE CHIMNEY AND THE FEUDAL LORD

Carla Cristiane Martins Vianna<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tratará de realizar uma análise da obra lírica publicada por Augusto Meyer em 1926, intitulada *Coração verde*, estabelecendo uma leitura que se orienta pela busca do entendimento do procedimento autoral do poeta frente ao trabalho com o engenho poético no que diz respeito às inovações formais e ao tratamento dado à temática do cenário urbano naquele início de século. Desse modo, o diálogo entre a matéria local e o texto poético será constituído a partir da leitura de alguns poemas de Meyer, poeta gaúcho de intensa atividade no debate estético e na prática da poesia num momento histórico e literário de variadas modificações tanto no cenário urbano quanto no literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia sul-rio-grandense. Augusto Meyer. Modernismo. Cenário urbano.

Trataremos aqui de *Coração verde*, livro publicado por Augusto Meyer em 1926, meio do caminho da agitada década de vinte no cenário artístico (para não falarmos do político, do social, do econômico...) do Rio Grande do Sul. Leitura essa na qual encontramos uma manifestação lírica que não se parece muito com o Modernismo dos vanguardistas da capital do café, sendo que por aqui as inovações foram mais sutis, tendo em vista que tal literatura nos mostra que o Modernismo gaúcho não transformou em bordão a apologia à modernidade, e, sobretudo, não pretendeu romper definitivamente com a estética literária precedente, no caso, o Simbolismo. Não, o Modernismo mais ao sul do Brasil experimentou novas formas poéticas sem abrir mão da herança simbolista, bem como também não recusou alguns comportamentos que o antecederam, como o canto do orgulho e da vergonha.

Literatura e vida social não devem ser dissociadas quando pensamos neste momento da literatura sul-rio-grandense, uma vez que não podemos esquecer que a realidade de Porto Alegre era diversa da realidade paulistana, como esclarece Pedro Fernando Cunha de Almeida (1996, p.135):

Dessa maneira, destaca-se que, como resultado da restrita transformação capitalista que envolveu a economia gaúcha nas seis décadas posteriores a 1870, a produção industrial sul-rio-grandense em 1920 – não obstante com dimensão significativa e se concentrasse nos estabelecimentos

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [ccmvianna@terra.com.br](mailto:ccmvianna@terra.com.br)

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

industriais de grande porte – **tinha pequena dimensão relativamente à paulista e em sua composição apresentava menor proporção da produção oriunda dos grandes estabelecimentos.** (Grifos do autor).

Realidade sócio-econômica diferente, um ambiente cultural em que os poetas simbolistas conviviam com os poetas modernistas — inclusive alguns simbolistas fizeram seus poemas modernos posteriormente, como Meyer e Fornari — e até mesmo o clima, contribuíram para a peculiaridade da vanguarda sul-rio-grandense. Podemos ver em vários poemas de Meyer como o Modernismo gaúcho é singular e inovador no âmbito da nossa literatura, como nestes versos de *Coração verde* (1926):

***Realejo***

*... e esse realejo  
como range, alegre,  
mói minha alma leve  
como a luz do céu...*

*Danças figurinhas  
sobre a caixa, lindas  
como um brinquedinho...*

*... gira, gira  
como os dançarinos,  
a minha alma leve  
como os brotos novos,  
como a igreja nova...*

*Bimbalhar de sinos,  
bimbalhar sonoro,  
moças tagarelas,  
(quanta namorada!)  
campos de cevada...*

*... realejo alegre,  
toda a primavera,  
delirantemente,  
reza, canta, reza,  
canta a missa verde...*

(MEYER, 1957, p. 41)

Temos aqui um poema cuja linguagem é guiada pela oralidade, da mesma forma que podemos perceber a desestruturação da métrica e das rimas, características que não encontramos em *Alguns poemas* (1923). A musicalidade do poema deixa em segundo plano a prosaica cena que descreve. Falando ainda sobre a situação de Augusto Meyer e seu *Coração verde* entre os modernistas brasileiros, é pertinente a leitura de mais um trecho de crônica:

Surgido 5 anos após o grito de rebeldia, que põe o espírito novo em luta aberta e ruidosa contra a nossa pasmaceira mental, o autor de “Coração Verde”, se aproveitou de todas as conquistas da vitória e ainda deu um passo adiante. [...] O Sr. Augusto Meyer filia-se à revolta literária levando consigo um continente novo, o subjetivismo (VELLINHO, 1926).

A subjetividade, enunciada por Vellinho, é um traço característico da lírica de Meyer, tendo em vista que *Coração verde* e também *Giraluz* (1928) são representativos de um modernismo menos agressivo do que o Modernismo sediado em São Paulo, de um modernismo arraigado na herança simbolista. Meyer tinha plena consciência do seu fazer poético, bem como do panorama literário sul-rio-grandense, como podemos perceber na definição do posicionamento do poeta feita por Ligia Leite (1972, p. 87): “Visão crítica, entusiasta, mas ponderada do Modernismo. Tem consciência de que muito dele não vai ficar, mas aceita isso como normal num processo evolutivo”.

Destoando da prática modernista de louvar a incipiente industrialização e, deste modo, a modernização da geografia das cidades, Augusto Meyer pinta as chaminés com as cores da antipatia, ou melhor, ele não aceita os malefícios decorrentes da modernização. O poema *A chaminé* deixa clara a idéia de Meyer sobre a transformação da paisagem porto-alegrense. Vejamos:

### *A chaminé*

*A chaminé sobe com seu imenso pesadelo de fumaça,  
enovelada em penacho que rola e espirala,  
a chaminé vermelha sobre a arquejante forja da usina,  
enquanto a chuva bate o seu rufo inocente  
sobre as relhas de zinco,  
sobre as casas baixas, mansamente.*

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

*Cha-mi-né.*

*Torre nova de uma igreja sem fé,  
como um canhão monstruoso de tijolos,  
vomita, ameaça,  
pragueja dia e noite a praga imensa da fumaça...*

*Tapando a torre da catedral,  
sonhando ao longe um sonho de rapina,  
imensamente — sobe a chaminé,*

— A CHAMINÉ — COMO UM SENHOR FEUDAL...

(MEYER, 1957, p.46)

A chaminé de Meyer é um monstruoso canhão de tijolos, portanto podemos dizer que, numa imagem de fácil apreensão, ele faz o seu desabafo revoltoso, altissonante. Atentemos para a intensidade dos verbos que dão ação à chaminé: vomitar, ameaçar e praguejar. Por fim, num tom apocalíptico, compara a chaminé a um senhor feudal, afirmando, com isso, que os homens seriam servis à chaminé, ou melhor, ao que ela representa.

Enquanto os modernistas do centro do país louvavam a modernização das cidades, Meyer conferia à chaminé um sonho de rapina e, como se não bastasse, intensificava a sua crítica à modernização da cidade ao comparar a chaminé a um senhor feudal. Esta metáfora demonstra que, ao invés da modernolatria, a postura de Meyer é de reprovação e desconfiança crítica ante os possíveis benefícios provenientes da modernização das cidades.

Através desta metáfora, o poeta acusa um possível retrocesso à Idade Média, pois o vínculo de dependência entre os camponeses e os senhores feudais se perpetuaria entre a chaminé (industrialização) e o camponês moderno (o operário). Ligia Leite aponta a recorrência deste tema na poesia de Meyer:

Percebe-se que a cidade com a sua falta de vida, com a sua falta de verde e sobretudo com suas chaminés, símbolo da instituição que lhe dá existência (a indústria) é um tema obsessivo da poética de Meyer, desde *Coração verde* (LEITE, 1975, p. 14).

Este mesmo poema pode ser pensado como um canto de reprovação à modernização econômica resultante da nascente industrialização em solo gaúcho, tendo em vista a desconfiança com que enxerga a chaminé e o que ela representa. O mesmo livro que traz poemas que louvam a paisagem do pampa, a querência e a estância canta muito pouco a paisagem da cidade e, quando o cenário citadino aparece, o que Meyer poetiza não é uma cidade do início do século XX, em pleno processo de transformação da paisagem, como podemos ler nas palavras de Charles Monteiro:

Na administração municipal de Otávio Rocha (1924-1928), este projeto social de modernidade traduziu-se em uma política de “abertura” e “modernização” do espaço urbano de Porto Alegre, bem como na tentativa de integrar as camadas populares urbanas aos valores e às formas de sociabilidade burguesas. O contexto político-social-econômico, da década de 20, provoca modificações nas formas de pensar e planejar a organização do espaço político, social e econômico da cidade. Porto Alegre, no curto período da administração Otávio Rocha, passa por grandes reformas urbanas que reorganizam o espaço global da cidade. A nova inserção do Rio Grande do Sul na economia nacional, a emergência de novos grupos sociais, o desenvolvimento industrial e o crescimento da população operária colocavam a necessidade dessas reformas no espaço urbano da capital do Rio Grande do Sul (MONTEIRO, 1995, p. 48).

O espaço urbano estava se modificando, e os olhos de Meyer certamente estavam testemunhando este momento da História da cidade. Por que então um poeta que simpatizava com as teses modernistas não registrou em sua poesia a nascente modernização do espaço urbano? Antes de esboçarmos uma resposta é preciso que leiamos este outro poema ainda de *Coração verde*:

### ***Meia-hora***

*A cidade mestiça dorme a sesta de janeiro.*

*Ela fechou as venezianas  
sob um cortinado espesso de mormaço.*

*Ficou sonhando que boiava como a espuma...  
E chaminés bocejam.  
Claridade crua.*

*Há uma revolta em fila rígida nos postes,  
martirizados pelos fios,*

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

*retezados em cruz pela trama que sobe,  
retas ríspidas \_\_\_\_\_ longo traço.*

*Mora a sombra doce nas cornijas,  
beija a curva dos beirais,*

*— porque a sombra é a saudade azul das velhas casas  
[coloniais.*

*Trapos verdes, balouçam bananeiras,  
molemente sobre os muros de quintais.*

*Pedra. Calor. Tudo cheira a caliça.*

*Navegar lá no alto como aquela nuvenzinha...*

*E a cidade dorme,*

*pesada, enorme,*

*sem ver o orgulho reto e bravo das palmeiras.*

(MEYER, 1957, p. 40)

O primeiro verso desse poema faz uma alusão à mistura de povos de diversas origens que passaram a conviver no cenário da cidade, uma vez que Porto Alegre estava assumindo o caráter de “uma cidade mestiça”. Cabe a nós, portanto, perceber que o poeta não nos informa muito sobre esta cidade mestiça, pois ela está em repouso. O olhar melancólico do eu-lírico de Meyer compõe um quadro onde o que vemos é uma cidade que dorme a sesta fechando os olhos para as bananeiras, os muros dos quintais, a confusão dos fios nos postes, as velhas casas coloniais e, por fim, o “orgulho reto e bravo das palmeiras”.

A cidade vista pelo sujeito-lírico dos poemas de *Coração verde* não é uma cidade em vias de modernizar-se, mas uma cidade que mantém, ou deveria manter, a calma dos jardins simbolistas. Eloquente é o modo como o sujeito-lírico deste poema trata da modernização do fornecimento de energia elétrica, implícita nos versos da quarta estrofe. O esperado de um poeta que simpatiza com o progresso da cidade seria que ele olhasse com bons olhos a paisagem formada pelos fios “retezados” nos postes. Como os versos de Meyer apontam o contrário — tendo em vista o modo como adjectiva o quadro: “fila rígida nos

postes,/martirizados pelos fios”—, concluímos que a modernização da cidade não era tida em boa conta pelo poeta de *Coração verde*.

Augusto Meyer, descendente de imigrantes alemães, praticamente não verseja o mundo teutoimigrante em sua lírica. Ao longo de sua poesia, o que encontramos é um poeta ocupado em cantar o mundo mítico dos carreteiros, da estância, da querência, enfim, um universo rural pré-positivismo. Mais tarde, em *Giraluz*, perceberemos que a cidade aparece timidamente em sua temática poética, sendo, portanto, muito mais a cidade do grupo a que ele pertencia do que a Porto Alegre em concreto e canteiros de obras da década de vinte.

Convém lembrarmos que, quando tratamos da memorialística de Meyer, encontramos depoimentos de um poeta orgulhoso do passado guerreiro do bisavô, de um poeta vaidoso por pertencer ao contingente daqueles que eram herdeiros de farroupilhas, os “netos de farroupilha”. Assim sendo, Meyer representa o mundo imigrante que, uma vez integrado à terra nova, assume como seu o passado histórico e cultural da terra que o acolheu. A lírica do poeta de *Coração verde* parece não enxergar a nova realidade da sociedade sul-rio-grandense, uma realidade em que o mundo imigrante já assumiu relativa importância na vida econômica, política e, até mesmo, social.

No estudo de Magda Gans sobre a presença teuta em Porto Alegre no século XIX, encontramos dados que deixam bem clara a realidade que o poeta Meyer não versejou:

É na Rua da Praia ou dos Andradas que registrei o maior número de estabelecimentos e profissionais teutos em uma mesma rua, ou seja, 132. [...]

A presença de alemães também foi significativa em outras ruas do centro da cidade que, em conjunto com as já mencionadas, revelam uma integração significativa dos teutos na parte economicamente dinâmica da capital, que começava a crescer e perder as feições de cidade pequena (GANS, 2004, p. 42).

Na capital do Rio Grande do Sul, a presença dos imigrantes alemães já poderia ser percebida ainda no século XIX, tendo em vista que a Rua da Praia já possuía 132 estabelecimentos teutos nos idos daquele século. Portanto, a principal rua da capital já era um cenário onde o imigrante alemão atuava décadas antes de Meyer e seus companheiros de grupo assiduamente cruzarem-na a caminho das

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

livrarias, dos jornais e dos cafés. Mas este universo não aparece na lírica de Meyer, causando estranheza o fato de que, nas poucas vezes em que há alusões ao mundo imigrante em sua poesia, o que encontramos são versos que tratam da colonização italiana.

Vimos, portanto, que Meyer é econômico em referências à cidade, não toca no tema da colonização alemã, ao mesmo tempo em que poetiza intensamente a terra, o campo, a querência, enfim, o universo do mundo campeiro, ainda latifundiário, do início do século XX. Augusto Meyer também poetizou a serra gaúcha, as parreiras e o mosto do vinho novo. Ou como afirma Luís Augusto Fischer ao tratar do poema *Brinde*:

Meyer não estranhou o tema gauchesco nem o desenho da cidade, como se operasse uma fusão entre a tradição e a contemporaneidade; é o que lemos nos dois versos finais do poema recém citado, composto singular de seiva antiga e vinho novo, como sua poesia (FISCHER, 1992, p. 37).

A tradição cantada por Meyer é a tradição do sistema literário da lírica sul-rio-grandense, bem como a contemporaneidade versejada por ele também é uma contemporaneidade regionalista, que, por sua vez, não tem olhos para o mundo teuto e vê o universo da colonização italiana somente através de ícones como o vinho, a serra e a parreira do poema anterior e de *Serrano*:

### ***Serrano***

*Eu devia nascer lá na Serra, entre os pinheiros,  
quando o ar cheira a resina, a campo novo e a lenha  
[verde.*

*(O aroma que há nas derrubadas...)*

*Nascer lá, quando o céu é macio como um beijo,  
e há barro-em-sangue nas estradas...*

*Penso na encosta cheia de uvas e cantigas,  
onde a alegria é um mosto que espumeja,  
nesse ondular voluptuoso, de uma graça antiga,  
que há nos gestos lentos das vindimadeiras,  
na sombra que dança pelos muros de cal,  
no ouro do sol furando a sombra das parreiras.*

*Domingo.*



*A igreja nova é um brinquedo na montanha.*

*Brincam sinos.*

*Há uma festa de cores pela estrada:  
lenços vermelhos, pintalgados,  
colonos ingenuamente enfeitados,  
para a missa, que é um brinquedo na montanha.*

*Brincam sinos, brincam sinos.*

*Domingo.*

*(Eu devia nascer lá na Serra, entre os pinheiros...).*

(MEYER, 1957, p.62)

A serra é vista pelo sujeito-lírico deste poema como uma região onde, apesar das dificuldades enfrentadas (“o aroma que há nas derrubadas”, “e há barro vivo nas estradas”), desponta a alegria (“Brincam sinos”) e um recomeço de vida, que pode ser lido através das seguintes imagens: “quando o ar cheira a resina, a campo novo e lenha verde” e “A igreja nova é um brinquedo na montanha”. O domingo serrano da poesia de Meyer é retratado através de imagens que compõem um quadro em que os “colonos ingenuamente enfeitados” vão à missa celebrar a “encosta cheia de uvas e cantigas”.

Se o mundo mítico do pampa e o que a ele está intimamente relacionado (querência, coxilha, minuano, gaita, Boitatá, manancial, estância...) são constantes presenças na lírica de Meyer, e o mundo colonial imigrante é pouco trabalhado (no caso italiano) ou inexistente (no caso alemão), é porque o projeto poético tanto do crítico literário quanto do poeta Augusto Meyer era perseguir uma tentativa de modernização da sua poesia, em que produzisse uma poesia apegada à terra e aos motivos gaúchos.

O poeta e crítico Meyer estampava os jornais com crônicas que pregavam a atenção à inspiração provocada pelo “cheiro da terra boa”, para que, embebidos neste clima de renovação, os poetas produzissem obras que transparecessem a “alegria de amar a terra, como se a houvéssemos descobertos nós mesmos, hoje, agora”<sup>2</sup>. A terra que Meyer queria que fosse o norte da nova literatura sul-riograndense era a terra horizontalizada do pampa, berço da economia pecuarista, que

---

<sup>2</sup> MEYER, Augusto. Ruy. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 05 ago. 1926.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

tradicionalmente ocupava a hegemonia da economia gaúcha e, conseqüentemente, servia de inspiração aos vates sulinos quando a intenção era cantar a natureza. Por isso, ele seguiu olhando para o pampa, deixando, portanto, um olhar de soslaio para a serra gaúcha, berço da imigração italiana no Estado.

Não poderíamos esperar outra postura de um poeta que pretendia versejar o universo regional para conseguir, assim, produzir uma lírica que contribuísse de algum modo com o projeto nacionalista dos modernistas do centro do país. Esse empenho de Meyer em versejar temas ligados à terra e aos motivos gaúchos não pode ser dissociado do momento histórico em que ele estava inserido, uma vez que, desde o Pacto de Pedras Altas, os grupos políticos antagônicos procuraram reprimir as desavenças históricas em nome de um projeto político maior, que resultaria, por fim, na Revolução de 30. Deste modo, ao tratarmos do regionalismo de Meyer, precisamos ter em mente que ele, além de ser um neto de farroupilha, era contemporâneo de um período da História do Rio Grande do Sul em que os ânimos estavam sufocando rivalidades através de um forte sentimento regionalista.

**ABSTRACT:** Augusto Meyer is a Southern Brazilian poet, as we say here, a *gaucho* poet, whose activity in the aesthetic debate was as intense as his poetic practice at that historical moment, in the 20s, when urban scene was constantly changing as well as the literature. Thus, some of Meyer's poems are analyzed here focusing the dialogue between his poetic text and the local raw material from those times. This paper attempts to convey Meyer's writing procedures as it expresses his poetic struggle to deal with urban scenario themes through innovative aesthetic features in the beginning of 20<sup>th</sup> century. We present his lyrical work *Coração Verde* (Green Heart), published in 1926.

**KEYWORDS:** Southern Brazilian Poetry. Augusto Meyer. Modernism. Urban Scenario.

## Referências

ALMEIDA, Pedro Fernando Cunha de. As razões materiais na posição periférica da indústria gaúcha na industrialização restringida brasileira. In: *Gaúchos e paulistas: dez escritos de história regional comparada*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1996.

FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

GANS, Magda R. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LEITE, Lígia C. M. *Modernismo no Rio Grande do Sul: matérias para seu estudo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 160-170, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 24 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. Cirandagem: introdução à poesia de Augusto Meyer. *Revista de Letras*. Assis, Publicação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis, 1975.

MEYER, Augusto. *Coração verde*. Porto Alegre: Globo, 1926.

\_\_\_\_\_. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1957.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

VELLINHO, Moysés. Livros e autores. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1926.